



REDE PROVAS CENTRO | 2025/2026

Concursos Especiais de Ingresso no Ensino Superior para Titulares dos Cursos de Dupla Certificação do Ensino Secundário e Cursos Artísticos Especializados - Ano Letivo 2024/2025

Prova-Modelo

Prova “Geral +ECONOMIA”

Duração total: 90 minutos. Tolerância: 15 minutos.

Esta prova é composta de duas partes:

- Componente Geral
- Componente Específica — Economia

Material admitido: material de escrita, folha de rascunho.

Cada resposta errada ou em branco vale 0 pontos.

A classificação final é apresentada na escala de 0 a 200 pontos.

COMPONENTE GERAL

Duração indicativa: 30 minutos. Cotação: 65 pontos.

Esta parte é constituída por perguntas “de correspondência” e perguntas de “escolha múltipla”. Deverá escolher a única opção correta entre as alternativas que são indicadas.

TEXTO 1

CRÍTICA: ROBIN HOOD - O REGRESSO DA DUPLA SCOTT E CROWE

19 de maio de 2010

A velha guarda parece estar a tomar conta dos ecrãs. Após Shutter Island de Martin Scorsese e The Ghost de Roman Polanski (que ainda não estreou em Portugal), eis que Ridley Scott surge novamente ao lado de Russell Crowe na produção de um filme. Após Gladiador, Sir Ridley decidiu trabalhar numa versão da célebre lenda Robin dos Bosques. A primeira impressão que se pode ter do filme é que, não sendo tanto um remake de uma das lendas mais favoritas do público em geral, este consiste mais num «Robin dos Bosques begins», se assim o podemos classificar. Trata-se de uma versão mais fiel a nível histórico do que a versão de 1991, com Kevin Costner e Morgan Freeman.

Uma das principais características de Scott é a criação de ação a uma escala verdadeiramente épica. Em Robin Hood, essa ação está presente, infelizmente demasiado idêntica a Gladiador, onde um renegado se torna o salvador de uma nação inteira. Russel Crowe tem o papel principal como Robin Longstride, um homem de meia idade, endurecido no meio da batalha, com os Cruzados do Rei Ricardo (Danny Huston). Trata-se de um homem honesto com simpatia pelos desfavorecidos, que luta para voltar a casa após a morte do Rei Ricardo numa violenta batalha num castelo francês, numa das melhores sequências de ação de todo o filme. Mark Strong é Sir Godfrey, o vilão do filme, um nobre inglês que trai os seus compatriotas com uma aliança com os franceses. Strong tem-se evidenciado nos últimos tempos como um vilão de primeira categoria. O seu semblante forte e com pouca alegria, quando aliados a atuações que demonstram na perfeição a profundidade emocional da personagem, são uma combinação muito forte num filme cuja dicotomia «bem contra o mal» esteja fortemente vincada. Cate Blanchett surge como a viúva Lady Marion, uma donzela trabalhadora, com problemas com ladrões e alvo de atenções amorosas indesejadas do Xerife de Nottingham (Mathew Macfayden).

Nota-se que foi dada bastante importância ao detalhe da filmagem e aos pormenores dos vários cenários, um aspeto muito positivo no filme. Os créditos finais, por exemplo, são uma verdadeira extensão da obra, com muita animação e que prende o espectador à cadeira, fazendo-o desejar por mais, independentemente da qualidade exibida pelas mais de duas horas de filme.

Um dos problemas do argumento foi a falta de exploração emocional das personagens, sendo que o exemplo mais flagrante são os três companheiros de Robin, sendo que as únicas informações que recolhemos acerca dos mesmos são o seu nome e o facto de combaterem lado a lado com o protagonista. Outro exemplo é a banalização da figura do Xerife de Nottingham. Scott devia ter reduzido o número de personagens que tinham intervenção na ação do filme.

O grande problema do filme reside na expectativa criada. Todos assumimos que Robin Hood será o galante arqueiro, vários homens da floresta, um rei batalhador e o espírito de camaradagem de todos os que residiam na floresta de Sherwood. A versão de Ridley Scott possui indiscutivelmente todos estes elementos, embora apresentados de uma forma que não é fácil de reconhecer e identificar pelo espectador comum.

In <http://www.ante-cinema.com>. Adaptado do manual Entre Nós e As Palavras, Português 10.º Ano, Santillana.

1. Estabeleça a correspondência entre as colunas de acordo com a informação do texto.

(25 pontos, 4x6,25)

1. Ao afirmar «A velha guarda parece estar a tomar conta dos ecrãs», o autor refere-se		a. a exemplos de realizadores da «velha guarda».
2. No contexto em que ocorrem, os nomes próprios «Martin Scorsese» e «Roman Polanski» referem-se		b. uma conclusão que realça os aspetos negativos do filme.
3. Segundo o crítico, o ator que desempenha o papel de vilão evidencia-se		c. uma conclusão positiva em relação ao filme.
4. O último parágrafo apresenta		d. aos realizadores em que Ridley Scott se inspirou.
		e. a realizadores de idade avançada.
		f. devido ao tipo de filme em que participa.
		g. a realizadores com uma carreira muito longa e que alcançaram o sucesso no passado.
		h. graças às suas características físicas, seriedade e profundidade emocional.

SOLUÇÕES TEXTO 1

1. g; 2. a; 3. h 4. b;

MARROCOS. MIRAGENS.

É meio-dia e estão 40 graus na penumbra da estação de camionagem de Marrakesh. Como eu, à espera da carreira para o Anti-Atlas, está um grupo eclético de marroquinos: camponeses berberes¹ de saco de pele de cabra ao ombro, crianças que se colam às mãos maternas tatuadas de hena², figuras soturnas de fundamentalistas barbudos bichanando sentenças ao tchador³ das mulheres, jovens liceais de regresso às aldeias natais mesclando vocábulos berberes, árabes e franceses, e sombras discretas de contrabandistas escondendo em sacos de plástico relógios chineses comprados em Ceuta. Para além da fidelidade ao rei e a Alá, há algo que parece unir este grupo: todos suam sob as jelabas⁴, as camisolas de lã quente ou os impermeáveis de plástico colorido.

Durante a travessia, deixo a caneta deambular sobre o caderno de papel, aproveitando os balanços da viagem para desenhar a paisagem que foge – um velho truque para fazer passar o tempo. E acabo por dormir, embalado pelo som roufenho de uma nuba⁵, que se liberta do altifalante pregado ao espelho retrovisor sobre a cabeça do condutor.

Nas imediações de Taddert, sou acordado pelo frio dos picos do Alto Atlas. Enquanto procuro em vão uma camisola na minha mochila, sinto cair sobre mim o silêncio trocista dos viajantes indígenas, confortavelmente aconchegados nas suas roupas suadas. Era óbvio e tinha-me esquecido: para atravessar o Atlas há que esquecer o clima da planície.

Alguns dias depois, inspecionados os ksours⁶ reais do Oued Imini, e visitada a kasha⁷ de Ouarzazate, retomo a viagem em direção ao vale do Draa e à fronteira de Tindouf, na Argélia. Ao entrar para a camioneta, ouço um “olá”, que denuncia um indiscutível sotaque lisboeta. Sinto um suor frio e o estômago revolver-se: há um conterrâneo no interior. Vislumbro uma cara conhecida, alapada no banco traseiro, com a barba por fazer e a roupa mascarada pelo pó dos trilhos remotos do Rif e dos contrafortes do Atlas.

Após dois ameaços de avaria, a camioneta parte aos solavancos. O ruído do motor não se consegue sobrepor à conversa do conterrâneo, que me dessintoniza do mundo que me rodeia. Soletro monossílabos de contraponto ao relato entediante da sua viagem ao oued [ribeiro] de Ksar-e-Kibir, na esperança de lhe fazer entender que quando viajo quero perder a pátria e a língua.

Ele não sabe, e eu não lhe digo, que não me interessa andar a rebuscar a Lusitânia nos caixotes do lixo das histórias dos outros povos (exceção feita, admito sem reбуço, aos

pastéis de nata londrinos). Não viajo para reencontrar raízes lusas e não me vejo contemplando fascinado as Portas de Santiago em Malaca, as ruínas barrocas e bolinhos de coco da Velha Goa, as derribadas estátuas coloniais de Bolama, ou os bares de praia de Fortaleza.

Enquanto monologa, o meu conterrâneo olha de sobrolho franzido o meu silêncio tumular. Por fim, cansa-se do meu laconismo, e eu apaziguo-me com o espírito da viagem. Discuto teologia comparada com Mohamed, um jovem tuaregue de Zagora que não resistiu à curiosidade e me pede para ver o meu caderno de desenhos sincopados pelo balanço das estradas marroquinas. Por fim, para além das montanhas que se fazem cada vez mais baixas, entrevejo o deserto de dunas.

Manuel João Ramos, revista "Fugas", Público. 2002. Adaptado do manual O Caminho das Palavras 10, Areal Editores.

Glossário:

1. Berberes: relativo aos berberes, povo nómada do Norte de África.
2. Hena: tintura preparada com o pó seco das folhas desse arbusto, e que se utiliza, entre outras coisas, para fazer desenhos na pele.
3. Tchador: peça de vestuário que consiste numa capa, geralmente escura, que cobre a cabeça e o corpo, deixando apenas a cara descoberta, usada por algumas mulheres muçulmanas.
4. Jelabas: peça de vestuário larga e comprida, com capuz e mangas largas, usada por alguns muçulmanos.
5. Nuba: Relativo ou pertencente ao povo Nuba.
6. Ksours: celeiros fortificados, usados por uma ou várias tribos, quase sempre berberes.
7. Kasha: cidadela cercada por muros ou muralhas existente em diversas cidades árabes do Norte da África.

2. Selecione a opção que permite obter uma afirmação correta.

(40 pontos, 4x10)

1.1. A finalidade deste texto é

- (A) narrar as experiências do viajante em terras marroquinas, as suas descobertas e impressões.
- (B) contar um encontro do viajante com um conterrâneo em Marrocos.
- (C) dar informações objetivas acerca de Marrocos.
- (D) persuadir o leitor a visitar Marrocos.

- 1.2. O texto apresenta uma estrutura em que é possível identificar os momentos seguintes:
- (A) pequeno resumo inicial do tema, desenvolvimento do assunto, retoma da ideia inicial.
 - (B) definição do tema, apresentação de informações referentes ao tema, síntese das informações.
 - (C) descrição do objeto da crítica, comentários pessoais, conclusão.
 - (D) definição de um itinerário, referência cronológica aos espaços percorridos, presença de impressões e de divagações.

1.3. A presença simultânea de uma dimensão narrativa e de uma dimensão descritiva, associadas a um discurso subjetivo permitem afirmar que este texto é (A) uma exposição sobre um tema.

- (B) um artigo de divulgação científica.
- (C) um relato de viagem.
- (D) uma apreciação crítica.

1.4. Para o autor, viajar é

- (A) uma forma de encontrar as suas raízes.
- (B) uma maneira de esquecer a sua língua e o seu país.
- (C) uma possibilidade de reencontrar conterrâneos.
- (D) um pretexto para divulgar a sua língua e a sua cultura.

SOLUÇÕES TEXTO 2

1.1 A; 1.2 D; 1.3 C; 1.4 B.

COMPONENTE ESPECÍFICA – ECONOMIA

Duração indicativa: 60 minutos. Cotação: 135 pontos.
Esta componente é constituída por perguntas de escolha múltipla Deverá escolher a única opção correta entre as alternativas que são indicadas.
A cotação de cada pergunta certa será de 7.5 valores, cada pergunta errada ou não respondida terá uma cotação de 0 valores.

1. Economia é uma ciência social...
 - a) ...que analisa a realidade social de uma forma isolada.
 - b) ...que, tal como as outras ciências sociais ou humanas, se preocupa com a identificação e explicação dos fenómenos sociais.
 - c) ...que analisa só os fenómenos sociais classificados como económicos;
 - d) Todas as anteriores são falsas.

2. Os fenómenos sociais são...
 - a) ...particulares e pluridimensionais.
 - b) ...complexos e pluridimensionais.
 - c) ...particulares e complexos.
 - d) ... particulares e pluridimensionais

3. Em 2015, um dado país registou uma taxa de inflação de 3%. Podemos dizer que, nesse país, nesse ano,...
 - a) ...a moeda nacional registou um aumento do seu valor face às moedas estrangeiras.
 - b) ...as pessoas cujo salário nominal se manteve inalterado perderam poder de compra.
 - c) ...os trabalhadores ganharam poder de compra, se os salários nominais também tiverem subido 3%.
 - d) ...os preços de todos os bens e serviços subiram, necessariamente, 3%.

4. Ao efetuarmos o pagamento de uma mercadoria por intermédio de um cartão Multibanco (cartão de débito) estamos a recorrer a ...
 - a) ...papel-moeda.
 - b) ...notas de banco.
 - c) ...moeda escritural.
 - d) ...moeda-mercadoria.

5. A utilização de ovos por uma fábrica produtora de salgados é considerada um consumo...
 - a) ...coletivo, porque a produção de salgados resulta do trabalho efetuado por várias famílias.
 - b) ...público, porque os salgados são empregues na satisfação das necessidades de várias famílias.
 - c) ...final, porque os ovos são uma matéria-prima usada pela empresa para a produção de salgados.
 - d) ...intermédio, porque os ovos são usados pela empresa no processo produtivo dos salgados.

6. A característica da concorrência monopolista que não se assemelha à concorrência-perfeita é...
 - a) ... muitos compradores e vendedores.
 - b) ...fácil entrada e saída do mercado.
 - c) ...produtos diferenciados.
 - d) ...as empresas consideram garantidos os preços das outras empresas.

7. Uma das características do mercado de concorrência-perfeita é...
 - a) ...o grande poder de mercado.
 - b) ...a liberdade de entrada no mercado.
 - c) ...o total controlo sobre o preço.
 - d) ...a existência de muitas empresas pequenas que produzem bens não homogéneos.

8. Se uma redução de 15% no preço do bilhete num jogo de futebol conduzir a um aumento de 10% na quantidade procurada de bilhetes para assistir ao mesmo, poderemos concluir que...
- ...a procura de bilhetes é elástica.
 - ...a procura de bilhetes é inelástica.
 - ...a procura de bilhetes tem elasticidade unitária.
 - Nenhuma das anteriores.
9. Criar infraestruturas, fornecer bens públicos, promover a estabilidade e combater o desemprego, são intervenções do estado que se enquadram na função...
- ...Económica.
 - ...Jurídica.
 - ...Política.
 - ...Legislativa.

10. Observa os valores da tabela:

	Ano X	Ano X+5
Receitas	500 u.m.	1000 u.m.
Despesas	600 u.m.	800 u.m.

De acordo com os valores da tabela ...

- ...o Orçamento do Estado, no ano X, apresentou um saldo superavitário ou positivo.
 - ...o Orçamento do Estado apresentou um défice no ano X+5.
 - ...o saldo orçamental do ano X é superior ao do ano X+5.
 - ...o saldo orçamental do ano X +5 é superior ao do ano X.
11. O comércio internacional assenta na especialização. Esta afirmação é ...
- ...verdadeira, pois os países especializam a sua produção nos bens em que apresentam maiores vantagens nas exportações.
 - ...falsa, pois o comércio internacional resulta do facto de os países não conseguirem produzir todos os bens de que necessitam.
 - ...verdadeira, uma vez que os países através da especialização conseguem produzir maior variedade de bens para exportar.
 - ...falsa, uma vez que os países devem produzir os bens que os outros países desejam comprar.
12. A Organização Mundial do Comércio procura...
- ...regular as relações comerciais entre os países membros da organização.
 - ...fixar quotas na importação de certos bens.
 - ...proteger os países da concorrência.
 - ...dificultar as trocas comerciais através da criação de regras e de negociação de acordos entre os países.
13. A União Europeia é constituída atualmente...
- ...pelos países cuja moeda é o euro.
 - ...pela totalidade dos países europeus, à exceção da Rússia.
 - ...por 28 estados-membros.

- d) ...por 27 estados-membros.
14. Crescimento económico e desenvolvimento humano são conceitos diferentes. Esta afirmação é ...
- a) ...verdadeira, porque o crescimento económico elevado pode não conduzir a situações de desenvolvimento humano.
 - b) ...falsa, porque um país com bom desempenho económico vê sempre bons resultados nos domínios social, demográfico e cultural.
 - c) ...verdadeira, porque quando há crescimento, há desenvolvimento.
 - d) ...falsa, porque pode haver desenvolvimento sem crescimento económico.
15. A fase de recessão de um ciclo económico tem por características essenciais...
- a) ...o aumento do produto, do rendimento e do emprego.
 - b) ...uma retração do consumo.
 - c) ...um aumento da produção e da produtividade.
 - d) ...um aumento do investimento.
16. As grandes desigualdades no desenvolvimento humano, em termos mundiais, podem ser constatadas pelos valores...
- a) ...de indicadores simples, como o PIB.
 - b) ...de indicadores compostos, como os indicadores de pobreza.
 - c) ...de um conjunto de indicadores como a esperança média de vida à nascença e o PIB.
 - d) ...de indicadores simples e compostos sobre diversos domínios da vida humana.
17. A Tabela abaixo indicada, apresenta dados relativos a alguns indicadores da população, na União Europeia a 28 Estados-Membros (UE-28) e em dois dos seus países, no período de 2013 a 2016.

Indicadores da população

	Taxa de desemprego de longa duração (em %)			Taxa de variação anual (em %)	
				UE-28	
	UE-28	Suécia	Roménia	População ativa	População total
2013	5,1	1,4	3,2	0,7	0,2
2014	5,0	1,4	2,8	0,7	0,3
2015	4,5	1,5	3,0	0,2	0,3
2016	4,0	1,3	3,0	0,6	0,3

Pordata, in www.pordata.pt
(consultado em outubro de 2018). (Adaptado)

Com base nos dados apresentados na Tabela, podemos afirmar que...

- ...na Suécia, o número de desempregados de longa duração por cada 100 indivíduos ativos foi igual em 2013 e em 2014.
- ...na Suécia, o número de desempregados de longa duração por cada 100 indivíduos residentes foi igual em 2013 e em 2014.
- ...na Roménia, o acréscimo no número de desempregados de longa duração foi igual ao acréscimo no número de indivíduos ativos quer em 2015, quer em 2016.
- ...na Roménia, o acréscimo no número de desempregados de longa duração foi igual ao acréscimo no número de indivíduos residentes quer em 2015, quer em 2016.

18. Um ciclo de crescimento económico corresponde...

- ...ao crescimento linear de uma economia.
- ...à fase de expansão.
- ...a uma fase de expansão seguida de recessão.
- ...ao pico ou ponto alto da fase de recessão.

Soluções

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
B	B	B	A	D	C	B	B	A	D	A	A	D	A	B	D	A	C

FIM